

VIOLÊNCIA POLICIAL E ARTE: CAMINHOS DA RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO NO COMBATE A VIOLÊNCIA SISTÊMICA

POLICE VIOLENCE AND ART: PATHS OF RESISTANCE AND TRANSFORMATION IN THE FIGHT AGAINST SYSTEMIC VIOLENCE

Maria Clara Matos, Mariana Azevedo de Oliveira, William Wirthmann de Freitas, Luara Spinola (orientadora)

Colégio Novo Tempo, Ensino Médio

E-mail para contato: luaraspinola@somosnovotempo.com.br

RESUMO – A análise de 2024 sobre a Baixada Santista revelou um aumento significativo de violência e uma complexidade crescente nas operações policiais. Durante a "Operação Escudo", crimes violentos aumentaram. Confrontos armados ocorreram em bairros como Morro da Nova Cintra e Paquetá, e episódios em que policiais dispararam 188 tiros contra suspeitos. A "Operação Verão" registrou vítimas, com suspeitos e policiais baleados e/ou mortos. Essas ações, somadas à falta de informações claras, têm gerado insegurança e incerteza para a sociedade. A pesquisa visa mostrar como a arte em um meio cheio de violências consegue ser uma saída para esse ciclo que é muito recorrente no Brasil. "A arte sempre esteve do nosso lado, porque ela vem da nossa dor, mas também da nossa beleza." Emicida, rapper brasileiro diz em seu documentário "AmarElo- É tudo para ontem". A metodologia combinou análise documental com pesquisa qualitativa. Como conclusão, foi produzido um documentário com cenas de própria autoria, revelando ações artísticas da periferia e manifestações como forma de dar voz às comunidades.

Palavras-chave: Violência. Arte. Segurança. Polícia. Resistência.

ABSTRACT – The 2024 analysis of Baixada Santista revealed a significant increase in violence and growing complexity in police operations. During "Operação Escudo," violent crimes increased. Armed confrontations occurred in neighborhoods such as Morro da Nova Cintra and Paquetá, and incidents in which police fired 188 shots at suspects. "Operação Verão" resulted in casualties, with suspects and police officers shot and/or killed. These actions, combined with a lack of clear information, have generated insecurity and uncertainty in society. The research aims to show how art, in an environment rife with violence, can be a way out of this cycle, which is all too common in Brazil. "Art has always been on our

side, because it comes from our pain, but also from our beauty," says Brazilian rapper Emicida in his documentary "AmarElo - É tudo para ontem" The methodology combined documentary analysis with qualitative research.

Keywords: Violence. Art. Security. Police. Resistance.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa envolve uma proposta que relaciona o mundo artístico ao político e social. Foram percebidos casos de violência sistêmica ocorrendo em massa na Baixada Santista. Por meio de uma entrevista, foi possível perceber que viver em vulnerabilidade social pode ser uma sentença para acabar “no mundo do crime” ou ser ao mesmo tempo culpado sem motivo algum. Santos (SP) concentra uma riqueza muito grande por conta do Porto, mas, em contrapartida, possui regiões de extrema pobreza, como o Dique da Vila Gilda, a maior favela sobre palafitas da América Latina. Esse grande contraste em uma região tão pequena é um dos maiores problemas a serem enfrentados pelos agentes do Estado.

O aumento de casos de violência policial gerou uma grande repercussão nos últimos tempos, especialmente devido às ações da polícia na Baixada Santista. Não só isso, mas os últimos acontecimentos relacionados à morte de muitas pessoas também geraram muitas perguntas sobre os limites das ações policiais e da ‘facção’. Em muitos momentos, ações de ambos os lados refletem na vida da vizinhança e de pessoas inocentes.

Ao propor a arte como “caminho da resistência e transformação no combate a violência sistêmica”, o grupo almeja, por meio do projeto, mostrar que o mundo artístico é uma alternativa que pode salvar as pessoas do mundo do crime e, principalmente, servir como manifestação de direitos e forma de luta contra o preconceito.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a pesquisa, foi decidido que seria utilizado um conjunto de pesquisas quantitativas e qualitativas com pessoas que poderiam representar os grupos sociais referidos no tema (moradores da comunidade da Baixada Santista, policiais e artistas). "O pesquisador deve ser metodologicamente plural e se orientar pelo contexto, pela situação, pelos recursos disponíveis, por seus objetivos e pelo problema de estudo. Essa é, realmente, uma postura pragmática."

Hernandez, 2013, p. 42, como diz a citação acima, a pesquisa deve ser baseada no que trata a realidade, as entrevistas podem se aproximar mais da realidade das pessoas que vivem nessa situação, e os formulários são uma representação da opinião pública.

Foi feita uma divisão no grupo para se aproximar de cada face do projeto, mostrando o contexto geral, explicar o processo de gentrificação da Baixada e como a arte ganha força nesse meio. Essas pesquisas foram baseadas em livros e artigos acadêmicos, já revisados por estudiosos. A análise feita por entrevista.

Foram feitas análises técnicas com observação de campo no projeto de percussão “Tambozando”, localizado no morro Ilhéus Alto, na Vila Criativa, unidade da Vila Nova e no ato contra a PEC da Blindagem em frente à Estação da Cidadania, todos em Santos. Os dias foram, respectivamente, 11, 20 e 21 de setembro.

No total, foram realizadas 4 entrevistas. A primeira, que foi presencial, aconteceu em 27 de setembro de 2024, com o Capitão Torres, membro do BAEP. Online, foram feitas 3 entrevistas. Em 2025, o primeiro entrevistado foi Thiago Mendonça, integrante do movimento Cordão da Mentira, que realiza grandes intervenções artísticas em São Paulo. A pesquisa ocorreu em 15 de agosto.

Em 20 de setembro, foi feita a entrevista com Débora Silva, uma das fundadoras das Mães de Maio. No dia seguinte, 21 de setembro, foi feita a análise técnica no ato mencionado acima, onde foi possível conversar com Débora Silva e outras mães de maio presencialmente. No mesmo dia, foi possível falar com a vereadora do PSOL Débora Camilo.

Em 24 de setembro, a entrevistada foi Raquel Rollo, do grupo de teatro de rua “Trupe Olho da Rua”, que tem uma sede em Santos chamada Vila do Teatro. O grupo já teve montagens interferidas pela polícia e a atriz contou vivências e as lutas constantes para resistir e manter a arte e a cultura valorizadas na sociedade, buscando sempre o estímulo da reflexão acerca da realidade

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte de resistir: raízes do passado e o que o presente diz sobre elas

O presente diz muito sobre o passado. Entre 2023 e 2024, a Baixada Santista foi alvo de numerosos casos de violência policial. No entanto, essa não foi a primeira vez. A baixada tem sido uma região de grande interesse para operações policiais do tipo. Para entender a atual situação, é necessário entender não só a divisão da região, mas também a história por trás disso, ou seja, buscar a raiz do problema.

No que diz respeito à baixada, sabe-se que há grandes extremos entre riqueza e pobreza que tendem a ser impulsionados pelo processo de gentrificação e segregação socioespacial que a cidade vive há muito tempo. Em decorrência disso, as comunidades de baixa renda precisam procurar moradia em locais mais precários, com pouco acesso a recursos e falta de infraestrutura básica, assim como ocorreu após a abolição da escravidão em 1888, que fez a população negra ficar à margem da sociedade.

Ao ir mais fundo nas questões históricas, é importante lembrar o Golpe de 1964, realizado sob o pretexto de acabar com as “ameaças comunistas”. Nesse contexto, foi iniciado um regime político autoritário. Segundo a pesquisa Memórias da Ditadura, “70% das pessoas entrevistadas para o 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, têm convicção de que as polícias exageraram no uso da violência e 59% têm medo de ser vítima da violência da Polícia Militar (PM). Outras 53% têm medo de ser vítimas da violência por parte da Polícia Civil. Isto significa que a mesma sociedade que reconhece a importância da polícia para o controle do crime teme a violência com que, geralmente, agem as forças policiais cotidianamente. O comportamento violento e arbitrário das polícias se dá por conta de como estas instituições foram estruturadas durante a ditadura militar brasileira.”

Em resumo, a ditadura começou com o estabelecimento de atos institucionais e a supressão de direitos, assim, aumentou-se a dominação militar. Órgãos de repressão, como DOPS e DOI-CODI também foram criados. Foi um período marcado por desaparecimentos, perseguições, torturas e massacres. Ao destacar o ocorrido, é possível declarar que há, ainda nos dias de hoje, resquícios da militarização da polícia da época. Alguns até dizem que sobreviveram ao pau de arara - mas ele também sobreviveu.

Na Baixada Santista, por volta da década de 90, as ações policiais no combate ao tráfico de drogas e favelização cresceram. Em 2006, crimes contra a polícia resultaram em centenas de

mortes que ficaram conhecidas como os Crimes de Maio. “Foi uma carnificina humana feita pelo Estado perante a favela e a periferia”, diz Débora Silva, uma das fundadoras do movimento Mães de Maio. Mais de 500 civis foram mortos, embora muitos não tivessem relação com os crimes. Ou seja, inocentes tiveram que pagar com suas vidas.

De 2023 até o pós carnaval de 2024, a Baixada Santista foi alvo das operações Escudo e Verão. Juntas, são consideradas as operações policiais mais letais depois do massacre do Carandiru (os Crimes de Maio não são considerados uma operação policial). Ambas foram entendidas por parte da população como ações de vingança que obstruem a justiça e mascaram o ódio à população periférica sob o discurso de combate ao crime, guerra às drogas e limpeza social. É evidente que a Baixada Santista possui um cenário emblemático para a violência policial e possui um histórico de ações abusivas muito grande e mascarado.

Silêncio na Rua, Voz na Arte

A violência policial é uma consequência de uma segregação social estrutural que existe desde o período “pós-escravidão”, onde as pessoas não-brancas (negros e indígenas), foram primeiramente exterminadas pelo Estado e posteriormente jogadas a margem da sociedade, sem garantia de nenhum direito ou opção de trabalho. Então é um fenômeno que ocorre em sua maioria por pessoas da periferia, por isso está muito relacionada com a questão racial do Brasil. No contexto artístico, especialmente na música, a temática é abordada com frequência como maneira de resistência e denúncia, e é muito criticado pela elite brasileira.

Instalada em maio de 2025, na prefeitura de São Paulo, a CPI dos Pancadões debate as falhas da prefeitura ao fiscalizar os pancadões, que são bailes funk que acontecem na periferia afirmando que eles estão relacionados a crimes. No dia 29 de agosto, o Henrique Alexandre Barros Viana – o “Rato” – da produtora “Love Funk”, faz uma citação muito importante que é um dos pontos principais em relação a arte da comunidade, nesse contexto ele estava dissertando sobre a participação de jovens em gravações de funk e ele relata “É sempre importante lembrar, que independente da gente gostar ou não de funk, os jovens cantam o que vivem e dependem disso para ganhar dinheiro e ajudar suas famílias”. A questão de produção cultural está muito relacionada com a sobrevivência econômica das favelas, como, também na CPI o professor Thiago Torres, conhecido como Chavoso da USP, disse que a produção de

bailes é o que sustenta a economia, já que no dia, muitos vão ao barbeiro, compram roupa, etc, assim movimentando dinheiro localmente.

Importante pontuar que a produção cultural do hip-hop no Brasil (DJ, Mc, Grafite e Break Dance) em sua maioria fala muito sobre a violência contra a população preta, principalmente de pretos de periferias. Quando o artista Kaique Menezes, de nome artístico Kayblack produz um álbum que se chama “A Cara do Enquadro”, álbum de 2025, o nome já evidência o problema e logo na primeira música “Intro”, o artista diz: “Cada passo nosso carrega desconfiança; Como se andar fosse ameaças; Crescemos entre velas e viaturas; Onde o silêncio também sangra” letras que mostram a realidade, que é dura e cruel, é muito comum entre esses artistas desse movimento. Porque será que a maioria dos artistas que vem da favela falam tanto sobre? Pois justamente esse é o meio de comunicação deles, é a única maneira de serem escutados. A mudança não vem do Estado, vem deles.

Por exemplo, o cantor Emicida, fez em seu álbum “AmarElo” um show no Theatro Municipal, onde logo nas primeiras músicas ele já diz: “É muito importante trazer um concerto de rap para cá. Sozinho, a gente não faz nada. Isso aqui é o resultado de um esforço coletivo. Essa conquista é de todos que vieram antes de nós.” e depois diz: “Vejo vocês no livro de história”. As mudanças vêm da comunidade, vem do hip-hop, vem dos que gritam pela mudança. A arte é mudança necessária para os que nunca foram escutados terem voz.

Pesquisa de Campo

A entrevista aconteceu no dia 27 de setembro de 2024 às 15 horas e durou 38 minutos. Foi feita com o Felipe Torres Vieira, capitão da Polícia Militar, que atua como subcomandante do segundo batalhão de ações especiais atendendo toda região da Baixada Santista. Aconteceu presencialmente, na escola localizada no município de Santos/Sp.

Todo o conteúdo foi gravado e depois transcrito para o artigo, conforme conteúdo apresentado abaixo. A entrevista também foi reduzida para não passar do limite de folhas.

[Maria Clara] Qual é a sua função na polícia?

[Capitão Torres] Eu sou capitão da polícia militar, atuo como subcomandante do segundo batalhão de ações especiais da polícia, que atende toda região da baixada santista. Desde Registro até a cidade de Bertioga - lá em Boracéia.

[Maria Clara] No começo de 2024 teve muitas notícias de casos policiais e pessoas dizendo que havia uma guerra entre polícia e facção. Você acha que isso acabou se agravando ou foram somente direcionamento das notícias?

[Capitão Torres] Na verdade, esse combate do tráfico de drogas iniciou em 2006, quando foram os primeiros atentados do PCC. E o fortalecimento dessa organização foi crescendo, crescendo gradativamente e não teve nenhum grande aumento em pouco tempo. Foi sempre gradativo, nos últimos anos. E esses casos que foram noticiados são da Operação Escudo que foi desencadeada pelo Governo do Estado, mas não teve nenhum impacto. Não foi o maior ou o menor desse ano ou nesse período.

[Maria Clara] O que é essa operação escudo?

[Capitão Torres] A operação escudo foi desencadeada após um homicídio de um policial da Rota, em julho de 2023. É uma operação de proteção da própria instituição militar, porque qualquer tipo de ato violência contra um agente do Estado a impressão que o governo quer passar é que aquele agente é protegido e que o Estado não tolera ato de violência contra si. Porque um ato de violência contra o Estado é um ato de violência contra a sociedade como um todo. Então, não só com um agente militar, mas algo contra um policial civil ou qualquer outro é preciso ter uma operação para identificar os autores desses crimes e agir ativamente.

[Maria Clara] Como esse tipo de guerra afeta a vida de pessoas no seu dia comum?

[Capitão Torres] Afeta de maneira substancial, principalmente nesses locais que eu falei com afastamento do Estado, sem infraestrutura necessária. Porque essas pessoas acabam sendo escravizadas pelo crime organizado. Elas vivem uma vida em que há necessidade de silêncio, que elas não têm direito de sua privacidade, nem o respeito ao seu descanso ou acesso a uma cultura de qualidade. Então, essa pessoa fica no seu ambiente familiar, em sua residência, muito fragilizada. E isso é do conhecimento notório.

Entrevista - Thiago Mendonça

A entrevista aconteceu dia 15 de agosto com o Thiago Mendonça, diretor de cinema, um dos fundadores do Cordão da Mentira, um movimento social contra a violência policial e a omissão do Estado. Foi feita online com os participantes do grupo juntos. Teve duração de 1h40 de entrevista, porém foi significativamente reduzida na transcrição desse documento

[Maria Clara] A partir disso surgiu o tema do nosso projeto, que começou a ser desenvolvido no ano passado. Este ano, nós decidimos dar continuidade a ele, falando agora sobre essa perspectiva artística e como é importante preservar essa memória, desde quando começou essa violência até as raízes que cresceram até os dias de hoje. Então, vamos para a nossa primeira pergunta. Primeiro, a gente quer saber um pouco sobre quem é você e o seu trabalho. Dê essa breve explicada pra gente, por favor.

[Mendonça] Meu nome é Thiago, sou diretor de cinema e fundador do Cordão da Mentira. No cinema, atuo com uma perspectiva experimental e política sobre a sociedade brasileira, especialmente a violência de Estado, do passado e do presente. O Cordão nasce da roda de samba. No Samba da Vela, uma senhora passou mal ao encontrar seu ex-torturador, João Pachequinho, do DOPS, ligado ao delegado Fleury. A direção da roda tomou as dores do torturador, e nos afastamos. Reunimos outros sambistas e movimentos, e decidimos fazer algo – dar fala sobre esse passado que não fez autocrítica. O Cordão da Mentira torna clara a ligação entre o passado ditatorial e a atual violência policial.

Falar em redemocratização é difícil, pois a democracia brasileira é curta e foi rompida pelo golpe empresarial-militar, que destruiu o projeto de democratização do Estado. Vivemos ameaças de golpe e interferência dos EUA, como em 64. A transição não tocou o aparelho repressivo. Ex-membros do DOPS, como Rômulo Tuma, viraram figuras políticas. Bolsonaro representa a ala do Exército contrária à abertura, como Sibuca, do Esquadrão da Morte. Esses esquadrões surgem no governo João Goulart, com o general cruel, que depois trai Goulart no golpe. Após 64, os grupos de extermínio se articulam com o jogo do bicho para denunciar trabalhistas e comunistas. Esses bicheiros ganham poder nas cidades, como Nilópolis. Quase todos os torturadores migram para o crime, como no livro **Os Porões da Contravenção**.

O crime organizado nasce da aliança entre polícia corrupta, militares e bicho. Hoje, vemos essa articulação entre Exército, polícia e milícias. A Operação Escudo na Baixada Santista está ligada à disputa dos portos, ponto estratégico para exportação de drogas. É uma estrutura

exterminista mantida pelo Estado. Os grupos de extermínio viram política de Estado. Existiam em São Paulo, Fortaleza, Acre. Em 2000, o deputado Índio Brando, do Esquadrão da Morte, foi preso por serrar uma pessoa com serra elétrica. Hoje, há mais desaparecidos que na ditadura. As Mães de Maio, com filhos sumidos, enfrentam a dificuldade de responsabilização do Estado sem corpos.

O Cordão da Mentira surge de artistas investigando essa história. As mesmas pessoas que torturavam na ditadura matavam nas periferias. Delegado Fleury era do Esquadrão da Morte. Sem punição, esses crimes persistem. A Rota surge para perseguir militantes e se torna letal. Começamos o Cordão em 2010-2011 e saímos em 2012. Os Crimes de Maio tinham cinco anos. As Mães de Maio começavam a se articular politicamente. O Cordão sai em maio, lembrando os 20 anos dos Crimes de Maio.

[Maria Clara] Queremos saber de que forma os movimentos artísticos têm impactado na memória das pessoas e na forma como a sociedade lida com essas cicatrizes. Essa pergunta vem de uma dinâmica que fizemos no começo da pesquisa, com outros grupos da sala, em que percebemos que ainda existe uma visão de que esse tipo de arte incentiva o crime.

[Mariana] Um exemplo foi de um grupo que disse que, para acabar com a violência policial, as pessoas tinham que parar de dar mídia para cantores que fazem apologia ao crime, influenciando crianças a se tornarem criminosas. Em que momento a mídia abriu espaço para esse tipo de pensamento? E como a arte pode reverter isso? É importante mencionar que, quando dizem que cantores fazem apologia ao crime, não são necessariamente cantores que fazem uma apologia negativa em relação ao crime.

[Mendonça] São apenas cantores que falam sobre, e acreditam que estão influenciando as crianças. A criminalização nunca é dos de cima, é sempre dos cantores populares de baixo. Isso vem desde o samba. Nos anos 70, na ditadura, músicos eram presos se estivessem com instrumentos sem trabalho, pela lei da vadiagem, usada contra a população negra pós-abolição e reativada por governos autoritários. O artista periférico sempre foi tratado como marginal. O rap passou por isso: os Racionais foram tratados como criminosos no Jornal Nacional, que dizia que aquilo não era cultura. Essa criminalização tem a ver com racismo estrutural. Não é qualquer artista que será preso. Gabriel Pensador, por exemplo, não será. É específico qual corpo pode ser violado.

Também está em jogo quais discursos podem ser feitos, por quem. A polícia no Brasil serve para conter a desigualdade, garantir propriedade e ordem, manter a estrutura como é. Qualquer discurso que saia disso será criminalizado. É uma pena que muitos jovens não tenham consciência disso. Se soubessem a força que têm... Há um samba antigo que diz: “o dia que descerem foi o carnaval”.

Ao mesmo tempo, vemos hipocrisia: conteúdos consumidos por adultos, sexualizados, sempre existiram. Minha infância foi marcada por isso: Xuxa, Carla Perez, programas que sexualizavam crianças. Hoje isso virou debate, mas sempre existiu. Pessoas ganham milhões incentivando consumo de produtos nocivos, depois dizem que não sabiam. Há uma displicência em relação ao que é crime.

Temos que evitar generalizações. Já vi conteúdo que dizia ser gangsta e que era estúpido, um projétil. Temos que entender os limites. Às vezes a arte mostra algo para criticar. Falar de um homem violento não é fazer apologia à violência. Existe a forma. A estética é uma discussão mais profunda do que os juristas conseguem fazer. Muitos não pensam em estética. A discussão do que se transforma em conteúdo criminoso é mais profunda.

Falar sobre violência sexual não é fazer apologia. Mostrar racismo pode ou não ser crime, dependendo da forma. Como o Léo Lins faz, é apologia. Outras formas não. 90% do funk tratado como criminoso eu vejo como crônica do cotidiano. Pessoas falam do que vivem – armas, relações, poder nos territórios.

Quando pensamos no judiciário e no Estado brasileiro, estamos falando de estruturas criadas para manter tudo como está. Precisamos nos organizar, resistir, e ter consciência do que estamos fazendo. Quando nos colocamos contra o Estado, há consequências. Quem combatia a ditadura sabia disso. Não justifico a violência do Estado, mas também não dá para sermos ingênuos. Temos que ter consciência. Muitos jovens entram na onda sem saber o que estão fazendo. A consciência do fazer artístico é muito importante.

Proposta: Tendo em vista a necessidade de exposição do tema, a proposta consiste na produção de um documentário que mostra a realidade local com diferentes pontos de vista. Foram visitados núcleos de arte na Baixada Santista, com entrevistas feitas para compreensão e para evidenciar a situação das pessoas que vivem da arte como resistência. O curta-metragem tem o

objetivo de ser educacional, de modo que estimule a consciência coletiva acerca do assunto, já que ainda há pouca exposição dele, especialmente do ponto de vista artístico. Grande parte das operações e casos de violência não são expostos para a população e, quando são expostos, acabam sendo distorcidos pela mídia.

Em 11 de setembro, foi feita uma visita ao novo projeto de percussão “Tamborizando”, do antigo professor do Instituto Arte no Dique, Edson Adriano dos Santos. As aulas acontecem no morro do Ilhéus Alto, em Santos. Durante a pesquisa, houve coleta de dados de forma anônima com 4 alunos de 13, 15, 18 e 20 anos. Também foi feita entrevista gravada em vídeo com uma criança de 9 anos, um aluno adulto e o próprio professor. Além disso, o grupo optou por fazer takes mostrando o ambiente e situando o local. A ideia também é mostrar a realidade deles de forma natural, então nada foi combinado. Por isso, há cenas dos alunos indo embora, ensaiando e guardando os instrumentos.

No dia 20 de setembro, foi realizada outra entrevista para o documentário com a Débora Silva, uma das fundadoras das Mães de Maio. A coleta de dados ocorreu on-line e durou cerca de 1 hora e 20 minutos. A ideia foi conhecer um pouco do movimento de perto e saber de que forma os acontecimentos do passado estão presentes na atualidade. No mesmo dia foram coletadas imagens da parte de fora da Vila Criativa de Santos (unidade Vila Nova) e da sua redondeza, porém ainda não havia autorização para conseguir imagens de dentro do local.

Dando continuidade à pesquisa sobre as Mães de Maio, o grupo foi até o ato contra a PEC da Blindagem “Congresso Inimigo do Povo”, que aconteceu em frente à Estação da Cidadania, Santos, e acabou na Praça da Independência. O intuito foi conseguir falar com alguns dos movimentos presentes no dia, principalmente as Mães de Maio. Foi coletado um relato de Maria Sônia Lins, integrante do movimento já referido e uma breve fala da vereadora do PSOL, Débora Camilo, que falou sobre o assunto de forma geral.

No dia 24 de setembro, houve uma entrevista com Raquel Rollo, uma das fundadoras da Trupe Olho da Rua, grupo de teatro de rua em Santos. A escolha desse grupo foi fundamental para a pesquisa, pois já fizeram montagens abordando a violência da polícia militar de forma humorada, o assassinato de MC's pela PM e como ficaram suas mães, através de relatos das Mães de Maio. Uma das apresentações, na Praça dos Andradas, foi interrompida e o diretor e ator Caio Martinez Pacheco foi levado preso e interrogado por 5h na delegacia.

Raquel Rollo, a entrevistada, também faz parte do Conselho Municipal de Cultura de Santos (CONCULT) e do Sistema Nacional de Cultura (SNC), além de ter sido uma das responsáveis pela fundação da escola pública de artes cênicas de Santos, EAC Wilson Geraldo, que forma atores profissionais.

Documentário de 11 minutos e 53 segundos disponível no YouTube, acesso pelo link <https://youtu.be/5BvRBMTshng?si=DxeLW66JEJ6s3Gx1>

Figura 01 - Cenas do Documentário “Caminhos da Resistência”



Fonte: autoria própria, 2025.

4 CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa, foi possível concluir que os movimentos artísticos têm grande relação entre si na luta pela resistência. As pessoas e movimentos escolhidos para a pesquisa conectam-se em muitos aspectos, o que não foi usado como critério para a escolha deles, mas foi descoberto ao longo da pesquisa.

Em todas as entrevistas, assim que eram mencionados outros movimentos e pessoas, os entrevistados os reconheciam e contavam suas vivências na resistência com eles. Alguns, inclusive, os mencionaram por conta própria, sem que fosse citado antes.

Também foi percebido como a arte é um caminho que traz esperança na vida das comunidades e como elas precisam ter mais acesso aos recursos de cultura da cidade. Ter vivências artísticas é essencial para o desenvolvimento pessoal e social das pessoas, pois estimula também o pensamento crítico e amplia o repertório de mundo dos cidadãos.

A arte é um grande meio para comunicar e dar visibilidade aos movimentos sociais. Artistas podem usar esse recurso como grande aliado na sua luta. A Baixada Santista é estratégica economicamente e criminalmente, tornando-se um território onde a violência

policial se intensifica e acontece repetidamente. Por isso, a participação dos movimentos artísticos é essencial para manter a memória viva e a manutenção dos direitos do cidadão.

5 REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. Ditadura Militar: os atos institucionais e o endurecimento do regime. Rádioagência Nacional, 01 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2024-04/ditadura-militar-os-atos-institucionais-e-o-endurecimento-do-regime>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Relatório da Comissão Especial – Crimes de Maio. Brasília: MDH, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/old/cndh/relatorios/relatorio-c.e-crimes-de-maio>. Acesso em: 30 set. 2025.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. CPI dos Pancadões. Portal da Câmara Municipal de São Paulo. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/comissao/comissoes-parlamentares-de-inquerito-cpis/cpi-dos-pancadoes/>. Acesso em: 29 set. 2025.
- CONECTAS. Operação Escudo Verão: um ano de violência e letalidade. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://conectas.org/noticias/operacao-escudo-verao-um-ano-de-violencia-e-letalidade/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- CNN BRASIL. CPI dos Pancadões é instalada na Câmara de São Paulo; entenda. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cpi-dos-pancadoes-e-instalada-na-camara-de-sao-paulo-entenda/>. Acesso em: 29 set. 2025.
- CUNHA, Mateus. Termos do Hip-hop: seus principais elementos e conceitos. Instituto Búzios, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://www.institutobuzios.org.br/termos-do-hip-hop-seus-principais-elementos-e-conceitos>. Acesso em: 29 set. 2025.
- G1. Movimento Mães de Maio lamenta morte de ex-delegado, pede inteligência da polícia e que periferia não pague preço. São Paulo, 16 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/09/16/movimento-maes-de-maio-lamenta-morte-de-ex-delegado-pede-inteligencia-da-policia-e-que-periferia-nao-pague-preco.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2025.
- HABITAT BRASIL. Segregação socioespacial. 2024. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/segregacao-socioespacial/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- MEMÓRIAS DA DITADURA. A violência policial no Brasil. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/a-violencia-policial-no-brasil/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- MEMÓRIAS DA DITADURA. Da redemocratização de 1945 ao golpe de 1964. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/da-redemocratizacao-de-1945-ao-golpe-de-1964/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- NASCIMENTO, Stephany. Violência Policial: letalidade e vitimização. Politize!, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-policial/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PONTE JORNALISMO. Crimes de Maio de 2006: o massacre que o Brasil ignora. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>. Acesso em: 30 set. 2025.

ROLLING STONE BRASIL. Emicida faz história e emociona ao lançar o disco Amarelo no Theatro Municipal lotado. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/emicida-faz-historia-e-emociona-ao-lancar-o-disco-amarelo-no-theatro-municipal-lotado/>. Acesso em: 29 set. 2025.

TRUPE OLHO DA RUA. Trupe Olho da Rua. [Santos, SP], 2025. Disponível em: <https://trupeolhodarua.com/>. Acesso em: 30 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Órgãos de informação e repressão da ditadura. BrasilDoc. Disponível em: <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Ator é preso por “desrespeito com os símbolos nacionais” durante apresentação em Santos. 2016. (2min37s). Disponível em: <https://youtu.be/THE78dsG0W0>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Censura à peça Blitz, o Império Nunca Dorme. 2016. (3min29s). Disponível em: <https://youtu.be/k9Km1kuq6fc>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Cordão da Mentira. TV Câmara, 2014. (56min). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/516761-documentario-cordao-da-mentira/>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Documentário Mães de Maio – um grito por justiça. Núcleo Piratininga de Comunicação, 2012. (34min). Disponível em: <https://nucleopiratininga.org.br/documentario-maes-de-maio-um-grito-por-justica-2012/>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Movimento Mães de Maio [vídeo de entrevistas]. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iN7AtldLmZI>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Plenário – Discussão sobre peça de teatro Blitz, o Império Nunca Dorme. 2016. (2h11min). Disponível em: <https://youtu.be/BOf0P7ggseY>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Título não informado. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://youtu.be/axZQLAuhx8g>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Título não informado. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://youtu.be/rhkJNhpodyI>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Título não informado. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://youtu.be/DQZhr13j9DA>. Acesso em: 30 set. 2025.

YOUTUBE. Vereadores falam sobre peça Blitz, o Império Nunca Dorme. 2016. (3min50s). Disponível em: <https://youtu.be/7cbCvTrL4oY>. Acesso em: 30 set. 2025.